

MARÇO 2012

1	• Primeira Quinta-Feira do Mês - Oração pelas Vocações: Santa Maria Maior, V.C.
2	• Primeira Sexta-Feira do Mês - Oração pelas Vocações: Monserrate, Cabaços.
4	• CONVERSAS COM DEUS - Capela do Seminário Diocesano (21h).
14	• Oração pelas Vocações: Meadela, V. Castelo.
17	• Pré Seminário/ Recolecção/ Seminário em Caminhada.
23	• Início das Férias da Páscoa.
26	• 15º Aniversário da inauguração e bênção do Seminário.

AZEITE

O nosso sincero obrigado.

Adélia Lopes Caridade – Darque (10€)	Maria Sousa – Giela – Arcos (10€)
Álvaro Esteves – Gave – Melgaço (10€)	Adriano Amorim – Arcos (10€)
António Ferreira – Gondarém – Cerveira (10€)	Anabela Vau – Vilar de Mouros (10€)
Maria de Jesus – Gondarém – Cerveira (10€)	Custódio Ferreira – Arcos (10€)
Adelina Gonçalves – Lovelhe – Cerveira (10€)	Anónimo – Santa Maria Maior (20€)
José Costa – Lovelhe – Vila N. Cerveira (10€)	Anónimo – Serreleis (5€)
Amadeu Lima – Salvador – P. da Barca (10€)	Júlia Monteiro – Carreço (5€)
Maria Rodrigues – Alvaredo – Melgaço (20€)	José Enes – Geraz do Lima (10€)
Maria Fernandes – Lanhelas – Caminha (5€)	Palmira Soares – Monção (10€)
João Gomes – Refóios – Ponte de Lima (20€)	Anónimo – Gandra – Valença (5€)
Irmãs Teresianas – Arcos de Valdevez – (25€)	José Branco – Perre (5€)
Jorge Pereira – Salvador – A. de Valdevez (25€)	Anónimo – Perre (20€)
Pe. Domingues – Chaviães – Melgaço (20€)	Anónimo – Viana do Castelo (5€)
Maria Veloso – Gondarém – Cerveira (20€)	Anónimo – Viana do Castelo (20€)
Anónimo – Viana do Castelo (10€)	Anónimo – Viana do Castelo (5€)
Margarida Gonçalves – Ceivães – Monção (10€)	Júlia Maria do Lago – Arcos (10€)
Alberta Gomes – São Paio – Melgaço (20€)	Blandina Rodrigues – Cerqueira (5€)
Sameiro Lima – Rouças – Melgaço (10€)	Anónimo – (3€)
Carlos Amorim – Arcos de Valdevez (10€)	Laura Malheiro – Caminha (10€)
Anónima – Melgaço (10€)	Isaura Branco – Outeiro (2€)
José Pereira – Fornelos – Ponte de Lima (10€)	Anónimo – Valença (20€)
Maria Arminda Gama – Ganfei (10€)	Anónimo – Perre (5€)
Paróquia S. João da Ribeira (20€)	Maria Martins – P. de Lima (10€)
Maria Domingues – Paderne – Melgaço (10€)	Irmãs Franciscanas – Caminha (30€)
Juliana Soares – Troviscoso – Monção (20€)	Irmãs Franciscanas – V. Castelo (50€)
Maria Roleira – Campos – Cerveira (6€)	Laura Fernandes – V. Castelo (10€)
Adelaide Silva – Gandra – Valença (10€)	Maria Barbosa – V. Castelo (10€)
Ana Cerqueira – S. Jorge – A. Valdevez (15€)	Rosa Passos – Meadela (5€)
Rosa Maria Soares – Ponte da Barca (15€)	Ana Maria Garcia – Meadela (10€)
Maria Barbosa – Sandiães – P. de Lima (20€)	Anónimo – Afife (40€)
Pe. Tomás - Freixo - Ponte de Lima (20€)	Isménia Cunha – Carreço (5€)



CHAMA

Boletim do Secretariado Diocesano da Pastoral Vocacional na Diocese de Viana do Castelo

DESAFIO

A quaresma, como tempo privilegiado da vida cristã, apresenta-se como um verdadeiro desafio para cada um de nós. À tentação de olhar para este tempo como mais um, entre muitos outros de todos os anos, surge o primeiro desafio. Olhar para a quaresma com um novo olhar, como uma nova oportunidade, porque em cada ano temos coisas novas para descobrir dentro de cada um de nós; novas facetas da nossa humanidade, do nosso amor, do nosso cristianismo, da nossa vocação e da nossa vida. Para percorrer e aceitar este primeiro desafio necessitamos de alguma base de reflexão que seja para nós um ponto de partida. Neste sentido, a mensagem do nosso Pastor D. Anacleto parte das palavras de Bento XVI que reclama a atenção aos outros, desejando para eles o bem sob todos os aspetos: físico, moral e espiritual. Insiste especialmente neste último, muitas vezes esquecido por nós cristãos. A nossa atenção aos irmãos, sob todos os aspetos mencionados, é o bilhete de identidade da fé cristã; o melhor caminho: a caridade. Contudo, esta é apenas metade da nossa identidade (jejum e partilha). O terceiro e verdadeiro desafio é viver a quaresma como cristãos completos, acrescentando o silêncio e a oração. Só assim podemos descobrir a nossa verdadeira identidade e a comunhão com Deus. Só assim poderemos, se verdadeiramente quisermos aceitar estes desafios, olhar para a quaresma com os olhos de uma criança que vê o rosto da mãe pela primeira vez; olhar para a caridade como quem sente necessidade dela como do ar que respira; e olhar para o silêncio e a oração como quem perdeu a memória e necessita de reencontrar a sua vocação.



ENCONTRO DE JOVENS

No dia doze de fevereiro, pelas 9h30, reuniram-se no Seminário Diocesano de Viana do Castelo cerca de quarenta jovens de algumas paróquias dos Arciprestados de Viana do Castelo; Vila Nova de Cerveira e Caminha. De todos estes arciprestados estavam representadas as paróquias de Alvarães; Meadela; Outeiro; Sé; Venade; Riba de Âncora e ainda alguns seminaristas que se juntaram a nós com preciosa ajuda e colaboração. O encontro foi organizado pela equipa da Pastoral Vocacional, e foi o segundo num ciclo de três



encontros que pretendem abranger toda a diocese por zonas pastorais. Foi um dia diferente e especial. Iniciou com o acolhimento e aquecimento para a oração da manhã que se lhe seguiu. Da parte da manhã os jovens foram provocados com o tema do serviço à imagem de Jesus Cristo. Foram ainda convidados a

redescobrir este tema em grupos para depois partilharem com todos os presentes. Depois de assumirem um primeiro compromisso, realizou-se um almoço em que cada um ofereceu o seu farnel para uma mesa comum. Findo o almoço era altura de fazer uma boa digestão. Enquanto uns quiseram jogar futebol, outros escolherem cartas e outros desportos que o vasto espaço do seminário possibilitava. Como não podia deixar de ser, o ponto alto do encontro foi a celebração eucarística, muito dinâmica e vivida pelos jovens presentes. Agradecemos profundamente aos jovens a sua presença e colaboração, assim como aos seminaristas. Agradecemos ainda aos párocos que colaboraram connosco. Aos que não o fizeram deixamos o testemunho para que, em encontros futuros, nos enviem os seus jovens. Tudo para a construção do Reino de Deus que necessita de seguidores prontos a servir.



REUNIÃO DO NÚCLEO VOCACIONAL

1. Oração inicial
2. Leitura e comentário da "Chama"
3. Reflexão sobre a quaresma
4. Oração pelas Vocações na paróquia
5. Leitura da ata da reunião anterior
6. "Chama": contactos | notícias | Azeite
7. Agenda Vocacional: março. Participação.
8. Marcação da próxima reunião
9. Outros assuntos
10. Oração pelas Vocações



Na Chama deste Mês queremos aproveitar este espaço para agradecer o contributo dos nossos leitores para o azeite. Somos todos nós, juntos, que mantemos a Chama acesa. Obrigado.

MISSIONÁRIA EM TERRAS AFRICANAS

Chamo-me Cidália Moreira, sou Carmelita Missionária, natural da diocese de Viana, paróquia de Perre. Desde cedo, senti O chamamento do Senhor para servir os mais pobres e, um dia, na minha juventude, entrei para a congregação das carmelitas Missionárias. O meu desejo foi sempre partir para África e ser missionária entre os africanos. Esse desejo concretizou-se em 1995 e, desde então, tenho partilhado a minha vida e missão em diferentes países desse mesmo continente. Sinto-me privilegiada por ter sido escolhida por Deus para esta missão. Missão é a alegria, o otimismo, a confiança em Deus, o espírito de partilha e a liberdade de ser feliz com pouco. Na minha experiência missionária não se vai para terras de missão ensinar, mas sim aprender e partilhar o pouco que se tem. Esta é a razão pela qual, quando alguém me pergunta se ainda faço falta em África, costumo dizer que não sei quem faz falta a quem. O povo africano tem-me dado tanto que continuo a precisar deles na realização da minha vida em todas as suas dimensões. Valeu e vale a pena esta decisão de partir e desejo que outros/as tenham a coragem de dar o sim se o Senhor os chamar para esta aventura maravilhosa.



Agora pode consultar a chama e seus artigos no nosso site: www.seminariodeviana.com

amor possuem também uma dimensão social. Na Igreja, corpo místico de Cristo, verifica-se esta reciprocidade: a comunidade não cessa de fazer penitência e implorar perdão para os pecados dos seus filhos, mas alegra-se contínua e jubilosamente também com os testemunhos de virtude e de amor que nela se manifestam. Que «os membros tenham a mesma solicitude uns para com os outros» (1 Cor 12, 25) – afirma São Paulo –, porque somos um e o mesmo corpo. O amor pelos irmãos, do qual é expressão a esmola – típica prática quaresmal, juntamente com a oração e o jejum – radica-se nesta pertença comum. Também com a preocupação concreta pelos mais pobres, pode cada cristão expressar a sua participação no único corpo que é a Igreja. E é também atenção aos outros na reciprocidade saber reconhecer o bem que o Senhor faz neles e agradecer com eles pelos prodígios da graça que Deus, bom e onipotente, continua a realizar nos seus filhos. Quando um cristão vislumbra no outro a acção do Espírito Santo, não pode deixar de se alegrar e dar glória ao Pai celeste (cf. Mt 5, 16).



3. «Para nos estimularmos ao amor e às boas obras»: caminhar juntos na santidade.

Esta afirmação da Carta aos Hebreus (10, 24) impele-nos a considerar a vocação universal à santidade como o caminho constante na vida espiritual, a aspirar aos carismas mais elevados e a um amor cada vez mais alto e fecundo (cf. 1 Cor 12, 31 – 13, 13). A atenção recíproca tem como finalidade estimular-se, mutuamente, a um amor efectivo sempre maior, «como a luz da aurora, que cresce até ao romper do dia» (Prov 4, 18), à espera de viver o dia sem ocaso em Deus. O tempo, que nos é concedido na nossa vida, é precioso para descobrir e realizar as boas obras, no amor de Deus. Assim a própria Igreja cresce e se desenvolve para chegar à plena maturidade de Cristo (cf. Ef 4, 13). É nesta perspectiva dinâmica de crescimento que se situa a nossa exortação a estimular-nos reciprocamente para chegar à plenitude do amor e das boas obras.

Infelizmente, está sempre presente a tentação da tibieza, de sufocar o Espírito, da recusa de «pôr a render os talentos» que nos foram dados para bem nosso e dos outros (cf. Mt 25, 24-28). Todos recebemos riquezas espirituais ou materiais úteis para a realização do plano divino, para o bem da Igreja e para a nossa salvação pessoal (cf. Lc 12, 21; 1 Tm 6, 18). Os mestres espirituais lembram que, na vida de fé, quem não avança, recua. Queridos irmãos e irmãs, acolhamos o convite, sempre actual, para tendermos à «medida alta da vida cristã» (João Paulo II, Carta ap. Novo millennio ineunte, 31). A Igreja, na sua sabedoria, ao reconhecer e proclamar a bem-aventurança e a santidade de alguns cristãos exemplares, tem como finalidade também suscitar o desejo de imitar as suas virtudes. São Paulo exorta: «Adiantai-vos uns aos outros na mútua estima» (Rm 12, 10).

Que todos, à vista de um mundo que exige dos cristãos um renovado testemunho de amor e fidelidade ao Senhor, sintam a urgência de esforçar-se por adiantar no amor, no serviço e nas obras boas (cf. Heb 6, 10). Este apelo ressoa particularmente forte neste tempo santo de preparação para a Páscoa. Com votos de uma Quaresma santa e fecunda, confio-vos à intercessão da Bem-aventurada Virgem Maria e, de coração, concedo a todos a Bênção Apostólica.



Irmãos e irmãs!

Mensagem do Papa Bento XVI para a Quaresma de 2012
«Prestemos atenção uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras» (Heb 10, 24)

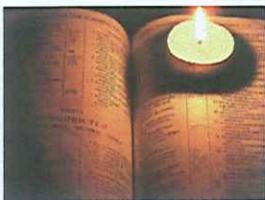
A Quaresma oferece-nos a oportunidade de reflectir mais uma vez sobre o cerne da vida cristã: o amor. Com efeito este é um tempo propício para renovarmos, com a ajuda da Palavra de Deus e dos Sacramentos, o nosso caminho pessoal e comunitário de fé. Trata-se de um percurso marcado pela oração e a partilha, pelo silêncio e o jejum, com a esperança de viver a alegria pascal.

Desejo, este ano, propor alguns pensamentos inspirados num breve texto bíblico tirado da Carta aos Hebreus: «Prestemos atenção uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras» (10, 24). Esta frase aparece inserida numa passagem onde o escritor sagrado exorta a ter confiança em Jesus Cristo como Sumo Sacerdote, que nos obteve o perdão e o acesso a Deus. O fruto do acolhimento de Cristo é uma vida edificada segundo as três virtudes teológicas: trata-se de nos aproximarmos do Senhor «com um coração sincero, com a plena segurança da fé» (v. 22), de conservarmos firmemente «a profissão da nossa esperança» (v. 23), numa solicitude constante por praticar, juntamente com os irmãos, «o amor e as boas obras» (v. 24). Na passagem em questão afirma-se também que é importante, para apoiar esta conduta evangélica, participar nos encontros litúrgicos e na oração da comunidade, com os olhos fixos na meta escatológica: a plena comunhão em Deus (v. 25). Detenho-me no versículo 24, que, em poucas palavras, oferece um ensinamento precioso e sempre actual sobre três aspectos da vida cristã: prestar atenção ao outro, a reciprocidade e a santidade pessoal.

1. «Prestemos atenção»: a responsabilidade pelo irmão.

O primeiro elemento é o convite a «prestar atenção»: o verbo grego usado é *katanoein*, que significa observar bem, estar atento, olhar conscienciosamente, dar-se conta de uma realidade. Encontramo-lo no Evangelho, quando Jesus convida os discípulos a «observar» as aves do céu, que não se preocupam com o alimento e todavia são objecto de solícita e cuidadosa Providência divina (cf. Lc 12, 24), e a «dar-se conta» da trave que têm na própria vista antes de reparar no argueiro que está na vista do irmão (cf. Lc 6, 41). Encontramos o referido verbo também noutro trecho da mesma Carta aos Hebreus, quando convida a «considerar Jesus» (3, 1) como o Apóstolo e o Sumo Sacerdote da nossa fé. Por conseguinte o verbo, que aparece na abertura da nossa exortação, convida a fixar o olhar no outro, a começar por Jesus, e a estar atentos uns aos outros, a não se mostrar alheio e indiferente ao destino dos irmãos. Mas, com frequência, prevalece a atitude contrária: a indiferença, o desinteresse, que nascem do egoísmo, mascarado por uma aparência de respeito pela «esfera privada». Também hoje ressoa, com vigor, a voz do Senhor que chama cada um de nós a cuidar do outro. Também hoje Deus nos pede para sermos o «guarda» dos nossos irmãos

(cf. Gn 4, 9), para estabelecermos relações caracterizadas por recíproca solicitude, pela atenção ao bem do outro e a todo o seu bem. O grande mandamento do amor ao próximo exige e incita a consciência a sentir-se responsável por quem, como eu, é criatura e filho de Deus: o facto de sermos irmãos em humanidade e, em muitos casos, também na fé deve levar-nos a ver no outro um verdadeiro alter ego, infinitamente amado pelo Senhor. Se cultivarmos este olhar de fraternidade, brotarão naturalmente do nosso coração a solidariedade, a justiça, bem como a misericórdia e a compaixão. O Servo de Deus Paulo VI afirmava que o mundo actual sofre sobretudo de falta de fraternidade: «O mundo está doente. O seu mal reside mais na crise de fraternidade



entre os homens e entre os povos, do que na esterilização ou no monopólio, que alguns fazem, dos recursos do universo» (Carta enc. *Populorum progressio*, 66).

A atenção ao outro inclui que se deseje, para ele ou para ela, o bem sob todos os seus aspectos: físico, moral e espiritual. Parece que a cultura contemporânea perdeu o sentido do bem e do mal, sendo necessário reafirmar com vigor que o bem existe e vence, porque Deus é «bom e faz o bem» (Sal 119/118, 68). O bem é aquilo que suscita, protege e promove a vida, a fraternidade e a comunhão. Assim a responsabilidade pelo próximo significa querer e favorecer o bem do outro, desejando que também ele se abra à lógica do bem; interessar-se pelo irmão quer dizer abrir os olhos às suas necessidades. A Sagrada Escritura adverte contra o perigo de ter o coração endurecido por uma espécie de «anestesia espiritual», que nos torna cegos aos sofrimentos alheios. O evangelista Lucas narra duas parábolas de Jesus, nas quais são indicados dois exemplos desta situação que se pode criar no coração do homem. Na parábola do bom Samaritano, o sacerdote e o levita, com indiferença, «passam ao largo» do homem assaltado e espancado pelos salteadores (cf. Lc 10, 30-32), e, na do rico avarento, um homem saciado de bens não se dá conta da condição do pobre Lázaro que morre de fome à sua porta (cf. Lc 16, 19). Em ambos os casos, deparamo-nos com o contrário de «prestar atenção», de olhar com amor e compaixão. O que é que impede este olhar feito de humanidade e de carinho pelo irmão? Com frequência, é a riqueza material e a saciedade, mas pode ser também o antepor a tudo os nossos interesses e preocupações próprias. Sempre devemos ser capazes de «ter misericórdia» por quem sofre; o nosso coração nunca deve estar tão absorvido pelas nossas coisas e problemas que fique surdo ao brado do pobre. Diversamente, a humildade de coração e a experiência pessoal do sofrimento podem, precisamente, revelar-se fonte de um despertar interior para a compaixão e a empatia: «O justo conhece a causa dos pobres, porém o ímpio não o compreende» (Prov 29, 7). Deste modo entende-se a bem-aventurança «dos que choram» (Mt 5, 4), isto é, de quantos são capazes de sair de si mesmos porque se comoveram com o sofrimento alheio. O encontro com o outro e a abertura do coração às suas necessidades são ocasião de salvação e de bem-aventurança.

O facto de «prestar atenção» ao irmão inclui, igualmente, a solicitude pelo seu bem espiritual. E aqui desejo recordar um aspecto da vida cristã que me parece esquecido: a correcção fraterna, tendo em vista a salvação eterna. De forma geral, hoje é-se muito sensível ao tema do cuidado e do amor que visa o bem físico e material dos outros, mas quase não se fala da responsabilidade espiritual pelos irmãos. Na Igreja dos

primeiros tempos não era assim, como não o é nas comunidades verdadeiramente maduras na fé, nas quais se tem a peito não só a saúde corporal do irmão, mas também a da sua alma tendo em vista o seu destino derradeiro. Lemos na Sagrada Escritura: «Repreende o sábio e ele te amará. Dá conselhos ao sábio e ele tornar-se-á ainda mais sábio, ensina o justo e ele aumentará o seu saber» (Prov 9, 8-9). O próprio Cristo manda repreender o irmão que cometeu um pecado (cf. Mt 18, 15). O verbo usado para exprimir a correcção fraterna – *elenchein* – é o mesmo que indica a missão profética, própria dos cristãos, de denunciar uma geração que se faz condescendente com o mal (cf. Ef 5, 11). A tradição da Igreja enumera entre as obras espirituais de misericórdia a de «corrigir os que erram». É importante recuperar esta dimensão do amor cristão. Não devemos ficar calados diante do mal. Penso aqui na atitude daqueles cristãos que preferem, por respeito humano ou mera comodidade, adequar-se à mentalidade comum em vez de alertar os próprios irmãos contra modos de pensar e agir que contradizem a verdade e não seguem o caminho do bem. Entretanto a advertência cristã nunca há-de ser animada por espírito de condenação ou censura; é sempre movida pelo amor e a misericórdia e brota duma verdadeira solicitude pelo bem do irmão. Diz o apóstolo Paulo: «Se porventura um homem for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi essa pessoa com espírito de mansidão, e tu olha para ti próprio, não estejas também tu a ser tentado» (Gl 6, 1). Neste nosso mundo impregnado de individualismo, é necessário redescobrir a importância da correcção fraterna, para caminharmos juntos para a santidade. É que «sete vezes cai o justo» (Prov 24, 16) – diz a Escritura –, e todos nós somos frágeis e imperfeitos (cf. 1 Jo 1, 8). Por isso, é um grande serviço ajudar, e deixar-se ajudar, a ler com verdade dentro de si mesmo, para melhorar a própria vida e seguir mais rectamente o caminho do Senhor. Há sempre necessidade de um olhar que ama e corrige, que conhece e reconhece, que discerne e perdoa (cf. Lc 22, 61), como fez, e faz, Deus com cada um de nós.

2. «Uns aos outros»: o dom da reciprocidade.

O facto de sermos o «guarda» dos outros contrasta com uma mentalidade que, reduzindo a vida unicamente à dimensão terrena, deixa de a considerar na sua perspectiva escatológica e aceita qualquer opção moral em nome da liberdade individual. Uma sociedade como a actual pode tornar-se surda quer aos sofrimentos físicos, quer às exigências espirituais e morais da vida. Não deve ser assim na comunidade cristã! O apóstolo Paulo convida a procurar o que «leva à paz e à edificação mútua» (Rm 14, 19), favorecendo o «próximo no bem, em ordem à construção da comunidade» (Rm 15, 2), sem buscar «o próprio interesse, mas o do maior número, a fim de que eles sejam salvos» (1 Cor 10, 33). Esta recíproca correcção e exortação, em espírito de humildade e de amor, deve fazer parte da vida da comunidade cristã.



Os discípulos do Senhor, unidos a Cristo através da Eucaristia, vivem numa comunhão que os liga uns aos outros como membros de um só corpo. Isto significa que o outro me pertence: a sua vida, a sua salvação têm a ver com a minha vida e a minha salvação. Tocamos aqui um elemento muito profundo da comunhão: a nossa existência está ligada com a dos outros, quer no bem quer no mal; tanto o pecado como as obras de